

“Asas do meu ideal”: O sentimento de nacionalidade do combatente da Força Expedicionária Brasileira

Wings of my ideal: The Brazilian Expeditionary Force soldier's feeling of nationality

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é entender a construção do sentimento de nacionalidade dos combatentes da Força Expedicionária Brasileira - FEB (1944-1945) durante o Estado Novo (1937-1945) e sua repercussão política. A partir de um método descritivo e abordagem qualitativa, foi realizada uma pesquisa documental e revisão bibliográfica com o objetivo de representar os fatores psicológicos desses militares. Com efeito, conclui-se que a estruturação da FEB estava diretamente relacionada aos anseios políticos e estratégicos do governo de Getúlio Vargas, consoantes às pressões dos Estados Unidos da América. Porém, sob a ótica da “história vista por baixo”, aquela que detalha o sentimento do indivíduo, a ideia de servir à Nação, analisada pelas perspectivas da “nova história cultural” e da “nova história militar”, é possível verificar que as percepções sobre a religiosidade, cultura popular e música brasileira impactaram diretamente no modo de viver desses militares. As discussões presentes neste estudo incentivam novas percepções acerca da FEB na história brasileira.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira. Nova História Militar. Nova História Cultural.

Florence Alencar Moreira

Universidade Salgado de Oliveira -
UNIVERSO, Niterói, RJ, Brasil
Email: floralencar2@gmail.com

ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-3331-5354>

ABSTRACT

The objective of this research is to understand the construction of the feeling of nationality of the combatants of the Brazilian Expeditionary Force - FEB (1944-1945) during the “Estado Novo” (1937-1945) during their performance in the Italian theater of operations. Using a qualitative approach and a descriptive method, a documental research and a bibliographical review were carried out in order to illustrate the psychological factors of those soldiers. It can be concluded that the structuring of the FEB was directly related to the political and strategic aspirations of the Getúlio Vargas government consonant with pressure from the United States. However, in the “history seen from below”, which details the individual's feeling, the idea of serving the Nation, analyzed from the perspectives of a “new cultural history” and a “new military history”, it is possible to verify that the perceptions about religiosity, popular culture and Brazilian music impacted directly the soldiers way of life. The discussions in this study encourage new perceptions about FEB in Brazilian history.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force. New Military History. New Cultural History.

Recebido em: 02 AGO 2021
Aprovado em: 10 NOV 2021

Revista Agulhas Negras
ISSN on-line 2595-1084

<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/aman>



<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>



1 Introdução

A construção do sentimento de nacionalidade é uma problemática frequente da História brasileira. Segundo a revisão bibliográfica, essa perspectiva de conjunto passou a ser impulsionada após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), com a construção do Exército Imperial Brasileiro no comando do Duque de Caxias. Perpassando esse momento histórico de disputa entre impérios no século XIX, identifica-se um forte anseio de construir uma simbologia relativa à Nação nos regimes autoritários e, desde a Revolução de 1930, com Getúlio Vargas, almejava-se essa representatividade. Nesse ínterim, constata-se uma nova forma de entender o sentimento de pertencimento à Nação no século XX, com a construção de uma identidade sob o enfoque da Força Expedicionária Brasileira (1944-1945), em contribuição ao estudo das mentalidades.

O objetivo é entender o detalhamento da história daquele período ao evidenciar a percepção cultural do militar convocado para a FEB. A presente pesquisa foi realizada a partir de revisão bibliográfica e análise documental qualitativa de fontes primárias presentes na Associação Nacional de Ex-Combatentes, Seção Rio de Janeiro. A partir da utilização da “história vista por baixo”, convém apresentar uma nova metodologia para a percepção da história do Brasil a partir da contribuição da “história das mentalidades” para as discussões sobre os efeitos psicológicos da guerra, e ainda, pela ótica da nova história cultural e da história militar.

Dentre outros aspectos, é possível entender essa problemática, a partir da construção ideológica do Estado Novo (1937-1945), com as aproximações do Brasil com outros países durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e das questões internas para preparar e enviar um corpo expedicionário de 25.334 pessoas para a guerra (FERRAZ, 2012, p. 21). Nesse contexto, estudos recentes explicam que, mesmo sem contar com recursos para um conflito armado daquela magnitude, os brasileiros tinham respeito aos ideais patrióticos, construídos pelo novo projeto de nação imaginada do período varguista e o representaram na linha de frente.

Como resultado da análise da carta censurada de João Ribeiro da Silva, que será analisada posteriormente neste estudo, e dos relatos de Silveira (1997), percebe-se, de acordo com a nova história militar, que eles não lutavam pela política, mas sim pela busca do reconhecimento nacional e de seus compatriotas – desejavam a liberdade da Nação. Essa valorização se mostrou improvável, sobretudo com o apagamento político propiciado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Investigar a representatividade dos símbolos e produções da época, bem como a forma com que isso repercutiu no imaginário e no discurso do combatente brasileiro, ilustra a imagem e as manifestações culturais de toda uma época, correlacionando aos atos políticos. Se a história se faz com homens, é na “história vista por baixo”, na nova história militar, que encontraremos respostas para as motivações individuais para grandes feitos.



2 Referencial Teórico

Em um movimento histórico de rupturas e continuidades, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) deu prosseguimento a uma cisão no conjunto das nações iniciada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e, por conseguinte, daria margem ao processo que culminou em uma Guerra Fria, bipolarizando o mundo a partir do final de 1945, entre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os Estados Unidos da América (EUA). Em se tratando do maior conflito global que o mundo assistiu, em um caos nunca antes visto, a Segunda Guerra Mundial colapsou a estrutura das nações. O Eixo era o conjunto representado por países em suas fases de regimes autoritários, formado pela Alemanha nazista de Adolf Hitler; pela Itália fascista de Benito Mussolini; e pelo Japão imperial de Hirohito. Por outro lado, entre os países Aliados estavam a França, o Reino Unido, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), os Estados Unidos da América e, dentre outras nações, estava o Brasil, com a ditadura de Getúlio Dornelles Vargas, desde a Revolução de 1930 até a vigência do Estado Novo (1937-1945).

A Segunda Guerra Mundial foi o maior conflito bélico global, dividindo interesses entre esses dois grupos, o Eixo e os Aliados, causando danos incomparáveis à história de toda a humanidade. Segundo o que destaca Hobsbawm (1995), a Segunda Guerra foi uma guerra total, pois “praticamente todos os Estados independentes do mundo se envolveram, quisessem ou não” (HOBBSAWM, 1995, p. 31). Nesse contexto, é necessário salientar que os “objetivos de guerra megalomaniacos”, segundo o que constata Hobsbawm (1995, p. 38) despertaram, em um período de 31 anos (1914-1945), o ápice do sentimento nacionalista, iniciado outrora no contexto dos impérios e desenvolvendo-se para uma era de extremos. O choque da guerra, assim, prosseguia. Segundo o que ilustra Pollack (1989), “sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado” (POLLACK, 1989, p. 8) e, dessa forma, é possível compreender que esse recorte histórico demanda pesquisas constantes acerca da memória e história da guerra. No Brasil, enquanto o mundo passava por mudanças internas significativas, Getúlio Vargas instaurava o Estado Novo (1937-1945), inspirado nos ideais nazifascistas, portanto, com uma postura um tanto controversa.

Schwarcz (2018) explica o regime como sendo “nosso **pequenino fascismo tupinambá**, mas dependia da capacidade de Vargas seguir em frente com a fórmula de construir um aparato político dotado de ferramentas próprias para angariar adesões e absorver conflitos” (SCHWARCZ, 2018, p. 375, grifo nosso). É importante mencionar que a aproximação do Brasil com os Estados Unidos da América (EUA) teve forte impacto com as missões militares, primeiro com a Naval e depois com a Artilharia de Costa no Exército. Conforme será destacado adiante, essa aproximação do Brasil



com os EUA por meio da intitulada “Política de Boa Vizinhança” também fez com que os EUA passassem a investir culturalmente no Brasil, embora, dentre outros fatores complexos, houvesse uma relação cultural tensa e conflituosa entre os EUA e os países da América Latina, para além das músicas carnavalescas de um ritmo contagiante. No que diz respeito aos investimentos advindos dessa aproximação, é possível enumerar a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 1941 e da Vale do Rio Doce em 1942.

Schwarcz (2018, p. 384) ainda indica que o ataque japonês à base norte-americana de *Pearl Harbor* em 7 de dezembro 1941 foi crucial para que Franklin Roosevelt pressionasse Getúlio Vargas a entrar na guerra contra Adolf Hitler. Isso começou a acontecer quando o Brasil, com um ponto decisivo da política externa de Getúlio Vargas, após a Reunião dos Chanceleres das Repúblicas Americanas em 28 de janeiro de 1942, no Rio de Janeiro, então capital federal brasileira, rompeu relações diplomáticas com a Alemanha nazista. Em resposta, o Eixo iniciou uma série de decorrentes torpedeamentos dos navios mercantes na costa brasileira em 1942, e Vargas, em meio à pressão popular brasileira e à pressão política estadunidense “decidiu” enfim declarar guerra ao Eixo e ficar ao lado dos Aliados, pelo decreto nº 10.358 de 22 de agosto de 1942. Nesse panorama complexo, a estruturação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) passou a ser solicitada pelo governo norte-americano.

Todavia, existia uma problemática operacional. Como seria constituído um corpo de Exército para ser enviado ao teatro de operações europeu para lutar contra o nazifascismo se nem mesmo o próprio governante teria investido na manutenção das Forças Armadas? Em um país tipicamente ruralizado, de população pobre e analfabeta, com táticas de guerra ultrapassadas e equipamentos obsoletos, Ferraz (2012, p. 53) ilustra que se esperava um efetivo de 165 mil homens para a guerra. Tendo sido oferecida a missão voluntária inicialmente, a 2,4 milhões de jovens entre os seus 21 a 26 anos, somente 2.750 se apresentaram e apenas 1.570 estavam aptos. Depois de Vargas estrategicamente ter escolhido João Batista Mascarenhas de Moraes, um general avesso à política, para o comando da FEB, a exigência para o recrutamento foi reelaborada.

A doutrina militar advinda da Missão Militar Francesa (1919-1940) perdeu seu vigor de guerra estática a partir do surgimento da *blitzkrieg*, a guerra relâmpago móvel blindada empregada inicialmente pelos alemães em coordenação com aviação e apoio de fogo, que impedia uma resposta defensiva rápida por parte do inimigo. Ainda, como destaca Ferraz (2012, p. 55), o Exército tinha os mesmos problemas da sociedade, pois alimentação e higiene dos quartéis eram ruins, havia o descaso civil para com o militar e, assim, sob qualquer critério de análise, o Exército brasileiro em 1940 não poderia levar adiante em uma guerra daquela magnitude.

A Força Expedicionária Brasileira carecia de recursos efetivos, como armas e equipamentos para seguir adiante e, por conseguinte, carecia também de homens aptos para prosseguir na missão.



O solicitado, segundo Ferraz (2012, p. 62), eram homens para atividades mais complexas do que cavar trincheiras, correr, mirar e atirar. Eram solicitados combatentes que soubessem ler mapas, operar rádios e dirigir. Para que se cumprisse a exigência imposta para a formação da FEB, os padrões de exigência dos exames foram rebaixados e as incapacidades revistas, com o intuito do voluntário ser considerado “normal” para os parâmetros de incorporação: “mínimo de 5 anos de escolaridade, 26 dentes naturais, altura e peso mínimos de 1,60m e 60kg” (FERRAZ, 2012, p. 62). Foram esses que fizeram a guerra.

A partir da apresentação da problemática da estruturação da FEB, é necessário traçar uma nova abordagem sobre o combatente da força terrestre. A questão não estudada ainda é entender a história de alguns dos 25.334 brasileiros que foram à guerra, sem que o anacronismo atrapalhe a visão do que foi a mentalidade de um jovem da década de 1940. O militar da contemporaneidade tem acesso a informação e às mais diversas tecnologias, entretanto, o soldado da FEB estava acostumado a um *modus vivendi* ruralizado – isso não quer dizer que não tivesse seus próprios valores. Para compreender essa mentalidade, Pereira (2021, p. 77) elucida como as diversas formas de pesquisa sobre a temática podem contribuir para a construção de uma nova história militar:

Portanto, os historiadores militares não mais se restringem à alta política, aos líderes e aos fatos. As contribuições da História com outras disciplinas científicas transportam o pesquisador às relações que fazem parte da vida cotidiana, de forma contextualizada com o tempo a ser estudado e a região. Assim sendo, o desafio aos pesquisadores é a percepção das contribuições para a realização de um trabalho científico de acordo com a geração ao qual pertence, respeitando a historicidade do período que se propõe a pesquisar, estabelecendo a conexão passado-presente, apontando as transformações sobre a temática militar através dos tempos. (PEREIRA, 2021, p. 77)

Ademais, a questão proposta é entender a mentalidade que forjou o soldado brasileiro para o combate, que, mesmo sem recursos, despertava sua coragem. A história da guerra, não mais pautada nos relatórios de grandes feitos, veio para ficar, dando início ao estudo das mentalidades e pensamentos individuais no âmbito militar. Conforme destacam Hobsbawm e Ranger (2017), é na Bandeira, no Hino e nas Armas Nacionais que se expressam os símbolos da identidade e soberania de uma Nação, fazendo jus a uma lealdade e respeito imediatos. Para tal, é revelado todo o seu passado, seu pensamento e cultura (HOBSBAWM, RANGER, 2017, p. 19). Com a FEB não foi diferente, pois o uso dos emblemas nacionais resultava em um movimento de representação contra a ameaça de invasão no país. Ferraz (2012) assim destaca esse sentimento: “a guerra havia chegado ao Brasil. Agora, para alguns milhares de brasileiros é que cabia a responsabilidade e o perigo de fazer a guerra de verdade” (FERRAZ, 2012, p. 53).

Em se tratando de uma situação extraordinária relatada por Silveira (1996, p. 95), em missa celebrada no Vaticano, no ano de 1945, o Papa Pio XII diz diretamente ao soldado de Infantaria do



Regimento Sampaio, Joaquim Xavier da Silveira: “És muito jovem para a guerra.” (SILVEIRA, 1996, p. 95). De acordo com a análise das linhas em que constam seus relatos repletos de meninices, pode-se constatar que alguns foram soldados antes mesmo de tornarem-se homens feitos, e contam a guerra de acordo com as suas percepções, em virtude da construção da paz.

O que elas [as linhas] contam é a simples história de alguns homens simples, que saíram de seus lares, atravessaram o oceano e foram lutar e sofrer em terra estranha, passando privações, fome e frio, essa procissão que sempre acompanha as guerras. Não encontrará aqui histórias de medalhas, paradas nem clarins. Porque na realidade dura de uma guerra não existem essas coisas, são símbolos usados pelos poetas ou pintores que nunca estiveram em armas. **O que se ouve na sinfonia da guerra é o ribombar dos canhões, o grasnar das metralhadoras** e as ordens frias, impessoais, quase sempre parecendo cruéis, de avançar ou **aguentar a posição, a qualquer custo**. O soldadinho de infantaria tem que aguentar isso tudo sem o menor conforto, sujo, imundo, barbado passando semanas, e às vezes meses, aguardando pacientemente a hora de sair dali, ou então, a morte. A guerra de verdade é sem bandeira, sem hinos, e ninguém tem vontade de ser herói; se vem a sê-lo, foi porque as circunstâncias o forçaram a isso. (SILVEIRA, 1997, p. 17, grifo nosso)

Conforme elucidado outrora, a preparação dos expedicionários não aconteceu sem que surgissem os mais diversos desafios pelo caminho, todavia, “a cobra iria começar a fumar”. Um desses desafios estava interligado às saudades da família e da terra natal, em um sentimento de incerteza: “será que um dia voltaremos para casa?” O medo da guerra não os paralisou, mas muitos não voltaram.

Além de fatores envolvendo a questão dos insalubres banheiros coletivos dentro do navio, segundo Silveira (1997), é necessário elucidar pontos que dificultaram a logística da FEB no início da campanha da Itália. A situação para dormir não era das melhores, pois além dos uniformes que se confundiam com os dos nazistas, as barracas eram “uma verdadeira vergonha. Umas **barraquinhas de escoteiro (...)** a lona, permeável, filtrava a chuva, o vento, o frio, e a umidade. Dentro, e também pouco fora **dessa coisa incrível**, dormiam dois homens, devendo ainda caber dois sacos de bagagem e os equipamentos completos” (SILVEIRA, 1997, pp. 36-37, grifo nosso).

A preocupação em demonstrar as adversidades enfrentadas pelos combatentes resulta na perspectiva de entender, segundo os grifos, que os soldados faziam isso até mesmo com um bom-humor juvenil brasileiro – mesmo no caótico cenário de guerra. Schwarcz (2018, p. 378) explica essa consciência pela própria pretensão do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo em atravessar o cenário cultural e projetar um cidadão “de bem com a vida”, mesmo com os desafios encarados pelo povo brasileiro na história – e no próprio período. Imaginação e pensamento não estavam mais delimitados à regionalismos e tanto o samba, quanto Carmen Miranda e a figura do malandro Zé Carioca, explicavam essa miscigenação, ou, em outras palavras, mestiçagem.



Nesse ínterim, também surgia a questão da alimentação, destacada por Schwarcz (2018), Silveira (1997) e Faria e Pereira (2018). A primeira autora explica a origem da feijoada, que era conhecida como “a comida dos escravos”, e ficou assim enaltecida no período Vargas, “converteu-se em prato nacional e carregou consigo a representação simbólica da mestiçagem, uma vez misturados, funcionavam como a **metáfora harmoniosa de uma mestiçagem que é racial e cultural**. Tudo se transforma em matéria de **nacionalidade**.” (SCHWARCZ, 2018, p. 378, grifo nosso). Em paralelo, Silveira (1997) reclama do paladar da comida americana que, embora saudável, não tinha condimentos e muito menos sal, implicando no moral da tropa, conforme analisam Faria e Pereira (2018), já que “a formação e preparação da FEB foram repletas de problemas, desde a seleção do pessoal até o recebimento dos materiais bélicos, o que influenciou negativamente diversas áreas, dentre elas, a da alimentação.” (FARIA e PEREIRA, 2019, p. 107).

Sob o paradigma de uma abordagem cultural no que diz respeito à percepção individual do militar, Pereira (2021) explica que “a história vista de baixo, com as contribuições dos soldados que vivenciaram os conflitos e as mudanças no panorama institucional ao longo do tempo, deslocou o foco para uma história mais social, com um escopo reduzido entre as categorias a serem analisadas.” (PEREIRA, 2021, p. 56). Nesse escopo, segundo Burke (2008) entende-se que a realidade da palavra e da pesquisa assumem significados diferentes em uma pesquisa qualitativa, já que a quantitativa pode generalizar os fatos. Com vistas a uma análise do discurso de Silveira (1997), é necessário dar atenção à fala cotidiana, com efeito, para dar a tônica necessária à voz do combatente da FEB.

Em virtude desses aspectos, cabe ainda explicar não somente o elo que unia os brasileiros nesse e em outros tormentos, porém a sua ligação com a população civil italiana. Segundo o documentário do Exército Brasileiro “*Liberatori*”, essa aproximação aconteceu em virtude da alegria, generosidade e preocupação do acolhimento do soldado brasileiro, da comum religiosidade católica entre os povos, de seus idiomas de base comum e da forma de viver dos combatentes. Tanto em se tratando da alimentação oferecida quanto dos sacrifícios que os militares se arriscaram a fazer, as ações da FEB são, até a contemporaneidade, enaltecidas pelos italianos, imortalizando seus feitos na história e na memória. Assim, explica Silveira (1997):

Nos primeiros dias não nos foi permitido sair, pois estávamos de quarentena. Porém, em volta do acampamento havia uma porção de civis, mulheres e crianças geralmente; as mulheres ofereciam-se para lavar roupa e as crianças pediam comida. **Na hora do rancho era um espetáculo horrível. Nós, com a marmita cheia, comendo calmamente, e a criançada com latas na mão, esperando os restos. Nos primeiros dias, quase todos nós pouco nos alimentávamos, para encher a pequenada de comida, doces, etc. Mais tarde, fomos nos habituando ao espetáculo da fome.** Desgraça havia em toda parte, tornando-se uma coisa trivial; ninguém mais se preocupava com a garotada pedindo comida, que tinha que se contentar com os restos. Estávamos todos muito preocupados com os nossos problemas pessoais, para dar maior atenção àquele povo faminto que nos cercava. A



guerra começava a nos lançar os seus venenos; íamos aos poucos nos brutalizando (SILVEIRA, 1997, p. 38, grifo nosso).

São a esses tormentos, silêncios, alusões e metáforas à memória que Pollack (1989, p. 8) se refere, ao moldarem o discurso de pessoas que estiveram nos angustiantes cenários beligerantes que assolaram o mundo durante o século XX. Conforme o autor destaca, nas recordações pessoais desses contemporâneos, não serão memorados os lugares ou as datas presentes em muitas publicações, “e sim os roncões dos aviões, explosões, barulho de vidros quebrados, gritos de terror, choro de crianças. Assim também com os cheiros: dos explosivos, de enxofre, de fósforo, de poeira ou de queimado, registrados com precisão.” (POLLACK, 1989, p. 11).

A fome no cenário hostil da guerra deixa marcas, todavia, segundo o documentário “*Liberatori*”, a memória do italiano também guarda a felicidade do combatente em brincar com as crianças e no cantar o samba “*Está chegando a hora*”, do carnaval de 1942. Ao certo, nem todos os combatentes sabiam, ao certo, por que estavam lutando, ainda mais por ser uma guerra externa, de interesses externos. Ademais, outros sabiam da problemática do próprio governo brasileiro no Estado Novo, e, como destaca Schwarcz (2018, p. 385), existia a indignação daquele combatente que ia lutar contra o autoritarismo em função da democracia, porém cientes de que no Brasil também havia um regime totalitário. Quem se destaca nesse estudo são aqueles que lutavam contra as injustiças e procuravam fazer a diferença, consolando a população civil e motivando seus companheiros.

O estudo da nova história cultural, segundo Burke (2008, p. 45), complementa essa análise, pois representa a percepção de um distanciamento da noção de que os indivíduos têm ações semelhantes, ou seja, aproxima-se da sociologia e, principalmente, da antropologia – é, dessa forma, um trabalho do psicológico acerca da perturbação vivida na guerra. Ademais, é possível relacionar os traumas vividos pelos expedicionários em 1944 e 1945 com o trabalho da nova história cultural, em consonância com a nova história militar, até mesmo para entender suas motivações. Se, conforme destaca Nora (1993), “o historiador é aquele que impede a história de ser somente história” (NORA, 1993, p. 21), é necessária a pesquisa científica sob o viés da história das mentalidades, segundo Vainfas (1997), acerca de contribuições que os combatentes puderam deixar para toda a história do Brasil: um lugar de memória a partir da escrita de seus relatos, a perpetuação de seus sentimentos. Diversas são as formas de narrativa à memória da FEB.

Pode-se mesmo afirmar que, apesar dos percalços, as pesquisas sobre cultura e mentalidades, hoje bem espalhadas nos diversos cursos de pós-graduação do país, têm contribuído decisivamente para o apuro da reflexão interdisciplinar numa escala superior, talvez, a de outros campos de pesquisa histórica. Sem prejuízo de outros campos de investigação, vários deles também muito atualizados quanto aos métodos e referências teóricas, a história cultural veio para ficar. (VAINFAS, 1997, p. 162)



Conforme elucidam Burke (2008, p. 31) e Vainfas (1997, p. 162), a história cultural proporciona abordagens que interpretam a mentalidade do indivíduo na história, e Pereira (2021, p. 77) evidencia que isso deve ser identificado, sobretudo na nova história militar. Ainda, segundo Gonçalves (2009, p. 28), para entender a necessidade da criação de um patrimônio imaterial ou intangível, é necessária a análise de suas representações e transformações ao longo do tempo. Dessa forma, é possível elucidar que os fatores culturais, de acordo com as políticas públicas presentes no Estado Novo (1937-1945), constituíram uma nova forma de nacionalidade e o soldado brasileiro estava preocupado em aplicar esse valor ao seu caráter durante a guerra. Esses apontamentos são verificados na formação do pertencimento do soldado à tropa de acordo com as fontes históricas em análise, e, por conseguinte, o sentimento do cumprimento do dever para com a Pátria em dado período histórico.

Na análise da carta censurada em destaque a seguir (Figuras 3 e 4), é possível entender que as vitórias de Monte Castello (21 de fevereiro de 1945), Castelnuovo (05 de março de 1945), Montese (17 de abril de 1945) e Fornovo di Taro (29 de abril de 1945) já tinham sido celebradas. Acredita-se que o militar que escreveu a carta tenha se referido à rendição da Alemanha à FEB (30 de abril de 1945) ou à rendição total da Alemanha nazista, ou Dia da Vitória (8 de maio de 1945). Cabe entender que a FEB sofreu uma desmobilização relâmpago ainda em solo italiano em 06 de junho de 1945, mas a guerra persistiu até 02 de setembro de 1945, após a rendição do Japão, em resposta às bombas lançadas em Hiroshima e Nagasaki. De acordo com os estudos apresentados, é possível que a carta tenha sido censurada pelo Serviço Postal da FEB na Itália por falar de supostos embarque e desembarque da tropa, bem como da alegria pelo regresso. Conforme estudos básicos sobre paleografia, com o intuito de transcrever o presente documento, a expressão *sic passim* explica que o texto foi retirado, *ipsis litteris* da carta original, de acordo com o português da época e seus respectivos erros de ortografia e concordância.

Ademais, a verificação das cartas emitidas pelos militares e seus correspondentes era feita de acordo com as perspectivas operacional, política e ideológica pelo DIP. A Operacional era a primeira linha de triagem e funcionou no Serviço Postal da FEB na Itália, tendo a finalidade de verificar se os combatentes estavam mostrando sua localização, a composição das tropas, o moral dos companheiros, o perfil dos comandantes e, principalmente, se estavam avançando ou retrocedendo perante o inimigo. A Política era segunda linha de triagem e atuava no Serviço Postal da FEB na Itália, tendo a finalidade de verificar se os militares estavam comentando sobre a situação da Itália no tocante à condução das tratativas entre os combatentes e a população civil. Ainda, buscavam a identificação de possíveis crimes de guerra que prejudicariam a boa imagem do Brasil no concerto de nações perante os demais países, bem como críticas aos generais brasileiros na condução da guerra. Enfim, a Ideológica era a terceira linha de triagem, que atuava no Brasil e tinha a finalidade de verificar nessas cartas as



possíveis críticas ao Estado Novo e ao ditador Getúlio Vargas. A carta censurada segue na íntegra, de acordo com as normas do estudo da paleografia, sem correções gramaticais, de concordância ou de acentuação atuais:

Carta Censurada em 19 de maio de 1945

Remetente: João Ribeiro da Silva, 257 FEB. Destinatário: Srta. Enaura Alves Fonseca. Rua *Haddock* Lobo, 145. *Escritorio* dos Lab. Goulart. Tijuca, Rio de Janeiro, Brasil. Postada em Alessandria, 17 de maio de 1945.

(L1) Alessandria, 17 de maggio de 1945

Querida madrinha, adeus.

Recebi tua cartinha de 30/4/45 na qual fiquei bastante satisfeito com tua sadia poesia. Tudo por aqui é só ale-

(L5) gria pelo regresso, que não tarda. Agora depois d’esta estrondosa vitória [8 de maio], que D° nos deus [Deus nos deu], é que viemos saber o que é alegria. **Assim mesmo, só ahí nesta terra quen-**

te e bela, é que vamos respirar melhor. Porque em quaú-
to tivermos nesta infeliz Italia, imda ouvimos o

(L10) éco, d’esta monstruosa guerra. Querida madrinha as lagrimas; os sacreficios e os terrôres que vimos de pérto, não é bom recordar... Temos a dizer o seguinte: mesmo nos montes gelados da Itália, quando tudo era contra nós; quan-

do a terra tremia de *paúra!* nos olhava-mos para um (L15) céu diferente e lembrava-se que do outro lado, quarenta e cinco milhões de almas, nos acompanhavam em pença-

mento esperando [†] de nós tão pouco. Felismente, compri-mos com o nosso dever. Olha! as liras [moedas italianas] que te mandei, é só para ti recordarte de mim. Existe duas qualidades de (L20) £: [...] [uma] de ocupação, outra Italiana mesmo. O valor da £ agora con a ocupação é: 20 centavos por 1£. Está bem Esplicada *coffi?* O mai capita?

Olha! das minha poucas alegria aqui, te receber como ma-drinha, foi [†] emoção, duvido mesmo que [não] sou digi-(L25) no de tanta gentileza. A temperatura aqui começa a subir, e as roupas de lã começamos a encostar. Aqui em Alessan-dria, tem feito calôr. Em quanto o cinema, durante a guerra, assistimos!... realidades, agora aqui nesta grande Cidade do Norte é que vamos sempre ao cinema, para fazer tempo,...

(L30) para nosso embarque. Em quanto tua letra, desconfio, que: nem uma [†] não escreva tão, belle *coffi*.

Em quanto meu tempo que tú falas, dedico inteiramente a pensar Em tudo que é Brasil. Soubre as fidaugas!!!...

Pér caritá! Mai piácho, niente. As Italianas da (L35) baita, e centro da Itália são belas. Porem a da alta Itá-lia, são piú belleue. Mais falta o que eisiste de mais

na morena do meu Brasil: Honra, cinceridade, vergonha, amor proprio, e respeito a si mesmo. [†] ficar oir aqui **porque a querida Madrinha, não pode fazer um juizo, o**

(L40) que é isto aqui, onde a miseria e a aura aleia se con-funde. Eu so digo-lhe o seguinte: Não troco uma more-

na de minha terra por cincoenta Biondas Italiana, per me conhocene troppo. Vou terminar esta pedindo

a [†] para que tú estejas com saude para assistir (L45) o dizembarque d’estes teus irmãos, que deram tudo para o bem do nosso querido Brasil. Sem mais desculpe-me...

Ribeiro. (*sic passim*, RIBEIRO, 1945, grifo nosso, Figuras 3 e 4)

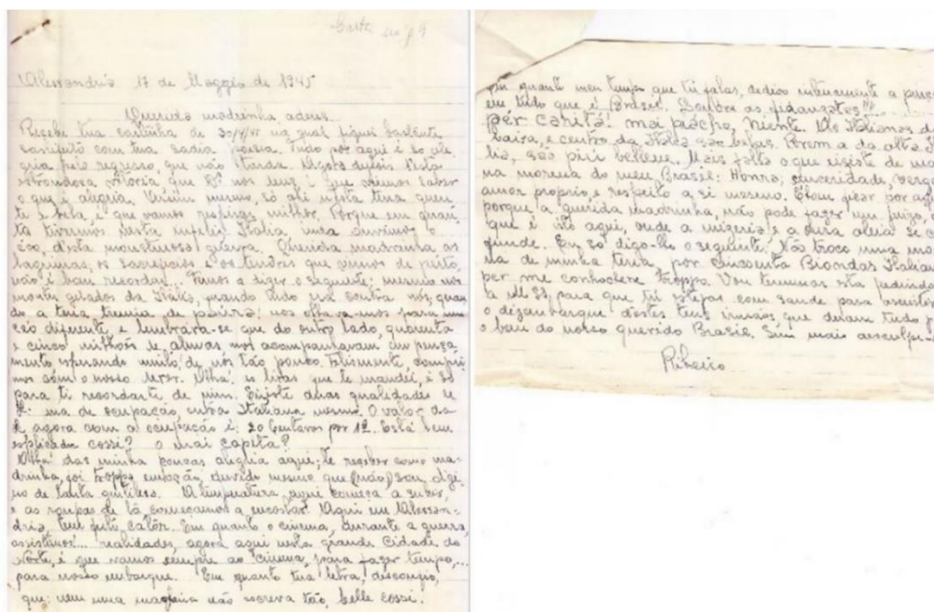


Figura 1: envelope da carta censurada de João Ribeiro da Silva, 19 de maio de 1945.



Fonte: Associação de Ex-Combatentes do Brasil, seção Rio de Janeiro, 2021.

Figura 2: carta censurada de João Ribeiro da Silva, 19 de maio de 1945.



Fonte: Associação de Ex-Combatentes do Brasil, seção Rio de Janeiro, 2021.¹

Por fim, destaca-se a memória da FEB em músicas, não somente na Canção do Expedicionário. As músicas do álbum “Expedicionários em Ritmos” (1966), como por exemplo, a canção “Acelerando”, foi tocada no desfile do 7 de setembro de 2019, em Brasília, registrada pela TV Brasil às 2 horas e 28 minutos de apresentação, enquanto a tropa motorizada do Exército Brasileiro passava pelo local. Lembrar os feitos dos militares, como a árdua conquista de Monte Castello em 21 de fevereiro de 1945, que se tentava obter desde 25 de novembro de 1944, ecoa, por sua vez, na canção “Minha Homenagem” composta no mesmo ano e presente no álbum, gravado apenas em 1966, com a letra a seguir:

“Minha Homenagem”
Meu Regimento Sampaio,

¹Carta Censurada em 19 de maio de 1945. Remetente: João Ribeiro da Silva, 257 FEB. Destinatário: Srta. Enaura Alves Fonseca. Rua Hadock Lobo, 145. Escritório dos Lab. Goulart. Tijuca, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: Acervo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, 2021.



Nós conquistamos pra você mais uma glória,
Ficará na História do nosso querido Brasil,
O Monte Castello, belo nome tão ardil. (Refrão, 2x)

Honraremos o teu nome,
Com orgulho e satisfação,
Pois nós todos pertencemos,
Ao destemido Leão. (Refrão, 2x)

**Tenha fé no teu soldado,
Que é herói e ordeiro,
Veio mostrar a fibra,
Do Exército Brasileiro.**
(EXPEDICIONÁRIOS EM RITMOS, Chantecler, 1966, grifo nosso)

No desfile de 7 de setembro de 2019, já na presidência de Jair Messias Bolsonaro, ao lado da Primeira-dama Michelle e do Vice-presidente, general Hamilton Mourão, ainda foi vista a participação do hoje coronel da reserva, Nestor da Silva, que liderou um pelotão de fuzileiros na conquista de Montese (14-17 de abril de 1945). Acompanhando o civismo do 7 de setembro, o rito foi rotineiramente celebrado nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva, de Dilma Vana Rousseff e de Michel Miguel Elias Temer Lulia – tendo sido interrompido no governo Bolsonaro em virtude da pandemia do coronavírus (covid-19). Somente após a Constituição de 1988, destaca-se uma possível valorização tardia do veterano brasileiro.

A percepção que o povo italiano tem daqueles que acolhiam as crianças italianas com brincadeiras e chocolates, de acordo com o que relata Silveira (1997) e, entoavam a música do carnaval de 1942, que ecoou nos corações italianos: “Ai ai ai ai, está chegando a hora! O dia já vem raiando meu bem, eu tenho que ir embora”. A música “Está chegando a hora”, de composição de Carmen Costa, foi ensinada aos italianos pelos combatentes e marca o emocionante final do documentário “*Liberatori*”. Em italiano, os “libertadores” são amplamente homenageados com monumentos e celebrações, todos os anos, desde a libertação dessa região italiana em 1945, segundo a produção oficial do Exército Brasileiro. Por esse motivo, e, na tentativa de proporcionar à memória sua importância, Ricoeur (2007) problematiza: “a memória é do passado” (p. 35), ainda que isso entoe que o lugar de memória passa e se passa, reaparecendo, evidentemente, quando nos lembramos dos feitos desses agentes históricos.

3 Percurso Metodológico

A abordagem metodológica utilizada para esse estudo foi a revisão bibliográfica e a análise documental de duas fontes primárias, de cunho qualitativo e descritivo, com o intuito de retratar uma situação individual, a partir da “história vista de baixo”. A carta censurada é de um integrante do Regimento Sampaio, o 1º Regimento de Infantaria (1º RI), com sede no Rio de Janeiro e, tanto essa,



quanto o LP do álbum “Expedicionários em Ritmos” (1966) estão no acervo da Associação Nacional de Ex-Combatentes, Seção Rio de Janeiro. Cabe salientar que, para a análise da carta, inédita no estudo da História brasileira, foram utilizadas as técnicas de paleografia, sobretudo de acordo com os termos grafados e o manuseio de documentos de época, com luvas e máscara de proteção, e digitalização sem o uso de flash. Além disso, a revisão bibliográfica sobre a FEB, com estudos anteriores sobre o tema, repercute em novos estudos para que a memória dos veteranos brasileiros continue a ser construída. A partir de estudos anteriores, expostos no quadro teórico, como a revisão bibliográfica de Ferraz (2012), Pereira e Faria (2018) e Silveira (1996), é possível entender que estudar a FEB ainda é um desafio para a historiografia, sobretudo para o entendimento da população brasileira civil atual.

4 Resultados

A censura postal militar, indispensável para que as posições estratégicas não fossem reveladas, foram sumariamente importantes para as conquistas da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária na Itália dominada pelo jugo nazista. Com efeito, nenhum combatente gostaria de saber que suas correspondências tinham sido censuradas, já que, como relata Silveira (1997), que dirigia um dos veículos que transportava as entregas à linha de frente, “quando havia cartas, eu vinha buzinando desde longe. Era a nossa única alegria.” (SILVEIRA, 1997, p. 57). Entretanto, as cartas da Força Expedicionária Brasileira, bem como suas músicas e feitos, ficaram para a História.

A construção de um determinado pensamento e o impacto psicológico na sociedade, segundo Gonçalves (2009, p. 25), além de estar vinculado à tradição antropológica, delimita uma nova forma de caracterizar o patrimônio, ou seja, perpetua-se em paralelo à história e à memória, para que se construa parte do patrimônio imaterial da sociedade. A constituição do comportamento humano em determinados recortes históricos, como o caso da FEB, interliga a cultura à mentalidade da época, resultando precisamente na edificação de um monumento que se relaciona ao material. Parte desse patrimônio material inclui construções como o cemitério de Pistóia, a capela de Nossa Senhora de Lourdes (que foi construída pelos soldados brasileiros em Staffoli, Pisa, Itália) e o Monumento em Homenagem aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no bairro Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro, que representam tanto para a construção da nacionalidade brasileira. Ademais, a noção de patrimônio merece seu devido destaque, e interliga-se à concepção de documento e monumento de Le Goff (1996):

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. **O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o**



fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. **Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.** (LE GOFF, 1996, pp. 9-10, grifo nosso)

Por esse motivo, e, de acordo com os estudos da Nova História, na qual, para Vainfas (1997, p. 162), existe o problema das mentalidades no historicismo, entende-se que a revolução documental em profundidade, estudada por Le Goff (1996, pp. 9-10), gerou um novo campo da ciência humana. A História, que não mais memoriza fatos do passado, é “o que transforma os documentos em monumentos” (LE GOFF, 1996, p. 10) e, dessa forma é possível construir o lugar de memória de determinado objeto de estudo a partir da análise de seus documentos.

O resultado desta pesquisa, tanto na consulta ao referencial teórico quanto no acesso às fontes, é proporcionar que os documentos da FEB se tornem monumentos, com a análise dos traumas, sensibilidades e aspirações dos militares convocados para a campanha da Itália. Por fim, destaca-se que o combatente Ribeiro, à luz da mentalidade de sua época, ilustrava toda a esperança da volta para a terra natal, a necessidade de externar o valor da Pátria e o sentimento de dever cumprido. De acordo com a carta em evidência e com os relatos de Silveira (1997), é possível entender que, tendo realizado o trabalho de que muitos duvidavam e derrotar o inimigo na guerra, o soldado brasileiro aguardava ansiosamente o seu lugar na memória da história do país. Contudo, esse reconhecimento provou ser impossível, já com o decreto da desmobilização relâmpago, em 6 de junho de 1945, que, segundo Ferraz (2012, p. 133), tornava os pracinhas cada vez mais esquecidos.

À medida que os anos passavam, as homenagens e glórias eram esquecidas, o entusiasmo popular decrescia e muitas pessoas começaram a mostrar desinteresse pelas “histórias de guerra”. Quando havia curiosidade sobre a vida cotidiana no *front*, esta revelava mais a desconfiança sobre a “vida boa” em que supostamente os combatentes viviam do que a crença de que tivessem vivenciado momentos tensos ou dolorosos. “Voltaram até mais gordos! Devem ter é ficado na sombra e água fresca!”, começavam a dizer alguns populares. (FERRAZ, 2012, p. 133)

Como resultado, se para Bloch (2001), “mal falei, mal agi e minhas palavras e meus atos naufragam no reino da Memória” (BLOCH, 2001, p. 60), cabe enfim explicar, de forma diferente daquela simbologia que foi construída ao longo do século XX, uma “nova” Força Expedicionária Brasileira, ou seja, uma nova memória sobre a FEB. Isso se deve ao fato de a imagem da FEB ter sido desconstruída inicialmente pela ditadura do governo de Vargas, por um apagamento da memória imediata como parte de um projeto de Estado. Também, segundo as análises de Ferraz (2012, p. 138), essa memória foi progressivamente desvalorizada pela sociedade civil nas décadas seguintes, gerando impactos até a contemporaneidade.



5 Conclusão

Em virtude dos aspectos analisados, cabe ressaltar que o Estado Novo (1937-1945) adotou uma postura controversa. Ao enfrentar problemas internos e devido às pressões estadunidenses, o Brasil constituiu a Força Expedicionária Brasileira, mesmo carecendo de recursos e homens aptos para tal atuação. Em um país tipicamente ruralizado, raros eram os homens preparados para uma guerra daquela magnitude, ainda mais pelas inúmeras dificuldades aqui apresentadas.

A nova história militar permite que o historiador explore as mais diversas perspectivas que delimitam a pesquisa castrense e, assim, auxilia na forma com que o pesquisador desperta a sua sensibilidade para a ação e discurso do indivíduo. O pensamento e atitude individuais corroboram com as importantes conquistas celebradas, todavia, devemos entender como isso foi construído, pois a Nova História, não mais baseada nos grandes feitos políticos, desperta novas abordagens no âmbito militar. Nesse ínterim, entende-se que a construção da paz revela um custo alto à vida dos cidadãos, e que deve ser reconhecida não somente pela ótica castrense, mas também na política e pela população civil brasileira, tal qual acontece na Itália no que diz respeito à FEB. A partir da abordagem cultural de pesquisa histórica, com as contribuições da “história vista de baixo”, ilustra-se a presente pesquisa, com um enfoque social sobre as percepções desses militares e análise da fala cotidiana. Suas motivações, amparadas pela revisão bibliográfica e pesquisa qualitativa documental, enumeraram uma série de desafios a serem superados e efetivados pelos combatentes no front.

Destarte, elucida-se que esses fatores culturais constituíram o sentimento de pertencimento à pátria, no recorte temporal e espacial que o agente histórico estava inserido. O objetivo do trabalho, tendo sido alcançado, visou ilustrar não só o intuito do combatente em ser digno de seu dever, mas também a percepção de que tudo seria feito para que essa missão fosse cumprida. Para isso, tanto os relatos e músicas construídos na época quanto a própria carta censurada revelam um novo escopo de análise documental sobre a FEB. O percurso metodológico, de cunho qualitativo e descritivo, respondeu às questões sobre a formação da imagem de uma época, reconstruindo o passado, embora respeitando seu devido historicismo.

Por fim, em diálogo com os estudos sobre a memória dos combatentes no tempo presente, destaca-se a relevância de novas observações sobre a atuação da Força Expedicionária Brasileira. Diferente do que foi o apagamento da FEB pelo DIP, evidencia-se a ideia de que a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial carece de novos estudos para se manter viva na memória do cidadão brasileiro. Seus feitos, relatos, canções e cartas ilustram um novo panorama de representatividade do combatente, refletindo diretamente na edificação de um monumento imaterial sobre a FEB. Validado um novo campo para o estudo da história do Brasil, de acordo com a análise



de suas sensibilidades, aspirações e traumas de guerra na campanha da Itália, espera-se que, hoje e sempre, a cobra continue fumando.



Referências

- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história ou o ofício do historiador**, tradução André Telles – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2001. 159p.
- BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas** / tradução de Magda Lopes – São Paulo: Editora UNESP, 2011. 362p.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sergio Goes de Paula. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 215p.
- COSTA, Carmen. “**Está chegando a hora**”, Carnaval, a História em Folia. Nikita Music, 1942. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BujeeL11iz8> Acesso: 20 JUL. 2021.
- EXÉRCITO BRASILEIRO. “**Liberatori**”, A FEB vista pelos italianos, filme completo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=osMO9d77ZtI> Acesso: 23 JUL. 2021.
- EXPEDICIONÁRIOS EM RITMOS. “**Minha homenagem**”, Chantecler, 1966. Disponível em: <https://flornahistoria2.wordpress.com/2021/06/22/expedicionarios-em-ritmos-1/> Acesso: 21 JUL. 2021.
- FARIA, Durland Puppim. PEREIRA, Fabio da Silva. Alimentação dos Soldados Cariocas na Itália: um impacto cultural (1944-1945). **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 14, 2018, pp. 103-121. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2018/09/AGCRJ_revista14-103-121.pdf Acesso: 24 JUL. 2021.
- FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Londrina: Eduel, 2012, 375p.
- GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. *In*: ABREU, Regina. CHAGAS, Mario. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**, 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. 309p. pp. 25-33.
- HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. Tradução de Marcos Santarrita, revisão técnica de Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598p.
- HOBSBAWM, Eric J. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante, 11ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. 392p.
- LE GOFF, Jacques. Documento e Monumento. *In*: **História e Memória**. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996. 15p. Disponível em: <http://ahr.upf.br/download/TextoJacquesLeGoff2.pdf> Acesso: 22 JUL. 2021.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História, 1993. 22p. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso: 20 JUL. 2021.
- PEREIRA, Fabio da Silva. História Militar: Perspectivas sobre a forma de se escrever a história. **Revista da Academia de História Militar Terrestre do Brasil**, Vol. 1, N. 2, 2021. pp. 55-79. Disponível em: <https://revistamilitar terrestre.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Revista-n2.pdf> Acesso: 25 JUL. 2021.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Rio de Janeiro: **Revista Estudos Históricos**, vol. 2, n. 3, 1989, 12p. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278> Acesso: 19 JUL. 2021.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007. 536p. pp. 17-134.
- RODRIGUES, Fernando da Silva. **História Militar: entre o debate local e o nacional**. Série estudos reunidos, vol. 51. Jundiaí, Paco Editorial, 2018. 241p.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia**. Lilia Moritz Schwarcz e Heloísa Murgel Starling. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 709p.
- SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **Cruzes Brancas: Diário de um pracinha**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, prefácio de Pedro Calmon, 1996, 182p.



VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, 508p. pp. 127-162.